

JORNALISMO LITERÁRIO NO RÁDIO E SUAS POSSIBILIDADES

LAUD, F.¹

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Santa Maria - RS - Brasil.
E-mail: felipe-laud@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo se enquadra como recorte de um projeto experimental desenvolvido como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo desta pesquisa foi identificar as possibilidades do gênero perfil, em estilo Jornalismo Literário, através da linguagem radiofônica. Para tanto, parte-se de uma perspectiva que compreende o Jornalismo Literário mais do que uma forma diferenciada de escrita, mas, sobretudo, como uma postura do jornalista desde a produção da pauta, entrevistas, até o processo final do texto.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Perfil; Linguagem Radiofônica; Rádio.

1 INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2006, a disciplina de Jornalismo Literário é ofertada como complementar a graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Durante o semestre, os alunos realizam leituras e apresentações de trabalhos referentes ao movimento da década de 60, chamado *New Journalism* ou Novo Jornalismo.

As aulas dão suporte para a produção de perfis e reportagens, a fim de fomentar a prática desse estilo. Os textos são escritos através de características básicas do Novo Jornalismo: “reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens, registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem” (PENA, 2011, p. 54).

A partir do conhecimento aprendido durante a disciplina, foi possível refletir e constatar que o estilo é muito difundido no meio impresso, através de revistas e jornais e atualmente também em páginas da internet. Contudo, percebeu-se que isso não acontece de forma recorrente no rádio. Com o intuito de experimentar e verificar se o Jornalismo Literário pode ser aplicado nas rádios brasileiras, desenvolveram-se dois perfis radiofônicos que contam um pouco da história de trabalhadoras informais de Santa Maria.

A partir da construção de um texto aprofundado sobre a história de vida dessas personagens, bem como do seu trabalho, tem-se a oportunidade de fugir de relatos superficiais. “O Jornalismo Literário foge das fórmulas rígidas de estruturação. Suas referências narrativas (procedimento e técnica) vêm da literatura” (VILAS BOAS, 2003, p. 10). Além disso, com o emprego de várias vozes, da música, do silêncio e de outros tipos de efeitos que constituem a linguagem radiofônica, foi possível potencializar o estilo e humanizar ainda mais o relato dessas histórias.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

A partir do método da história oral (BOM MEIHY, 2005), foram produzidos os dois perfis radiofônicos. O método vai ao encontro do que se propõe o Jornalismo Literário, especialmente quando se trata de perfis, visto que a figura humana é valorizada na sua essência.

A escolha das perfiladas se justifica pela pouco interesse da mídia tradicional em abordar histórias de pessoas anônimas, sobretudo, de profissões consideradas informais. Através do relato humanizado, é possível suscitar a empatia e recuperar a importância e o papel desses indivíduos na sociedade. De acordo com Bom Meihy (2005), essa humanização sensibiliza a racionalidade e mostra que a história também é feita por pessoas comuns, com sentimentos, paixões, qualidades e defeitos.

O gênero perfil foi escolhido por ser o meio mais apropriado de retratar essas histórias, que como lembra Coimbra (1993), dificilmente conterão conclusões definitivas e categóricas sobre o caráter do protagonista. O perfil, portanto, deve fazer com que o ouvinte tire suas próprias conclusões sobre o personagem.

Os cerca de cinco encontros com cada uma das entrevistadas aconteceram nos seus locais de trabalho. Para transmitir mais veracidade aos perfis, o som ambiente foi captado durante as entrevistas. Alguns efeitos especiais também foram gravados no processo de apuração. Como pontua Ferraretto (2001), esses recursos criam imagens na mente do ouvinte e permitem que o público veja o que está sendo descrito pelo narrador.

O ambiente foi propício para presenciar o contato das perfiladas com outras pessoas, principalmente com os seus clientes. Além das extensas horas de conversa e observação, foi preciso manter um cuidado especial com a qualidade da gravação dos depoimentos. Embora as entrevistas tenham sido feitas por meio de um gravador, o contato pessoal com as perfiladas sempre aconteceu. Além de ser a melhor alternativa para a captação de todos os sons, nada substitui a participação humana direta, onde “as emoções são captadas pelos nossos sentidos” (MOLLINARI apud BOM MEIHY, 2005, p. 33).

Depois de alguns encontros com cada uma das entrevistadas, foi possível captar as sonoridades para os perfis. Optou-se por deixar a gravação no último momento para que o entrevistador pudesse, segundo Lima (1995), se envolver totalmente nos acontecimentos e situações, vivendo na pele as circunstâncias e o clima do ambiente de trabalho das personagens.

Como ressalta Kotscho (1995), para escrever um texto mais trabalhado como o perfil, é preciso que o repórter conheça muito bem o entrevistado. Essa aproximação estimula o diálogo entre ambos e permite o crescimento do contato humano, “que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade” (LIMA, 1995, p. 85). O objetivo era entender de que forma as profissões contribuem para a vida das perfiladas e de que maneira elas fizeram essas escolhas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise do projeto experimental, foram considerados os quatro recursos literários citados por Tom Wolfe (2005): construção do texto cena a cena, diálogos completos, ponto de vista da terceira pessoa e descrição.

No que se refere ao recurso da construção do texto cena a cena utilizado em alguns trechos dos perfis, constatou-se que a técnica deu mais dinamicidade e movimento aos textos, “recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica” (WOLFE, 2005, p. 53 e 54). A presença do narrador fortalece a construção cena a cena, pois demarca a sequência temporal da história.

De acordo com Bernal e Resende (2009), o poder testemunhal do narrador concede um efeito de credibilidade e verossimilhança na reconstrução da realidade no rádio. A inserção da trilha musical é um recurso que casa muito bem com a construção cena a cena. Além da trilha demarcar os momentos de transição da história, ela tem uma “função expressiva e reflexiva” (FERRARETTO, 2001, p. 286), que vai ao encontro do estilo Jornalismo Literário. A junção desses recursos dá ritmo e mais veracidade a narrativa e é um dos aspectos mais explorados nos perfis.

Quanto à técnica dos diálogos completos, foi perceptível que esse recurso é empregado com mais facilidade no rádio por causa do gravador. Além de ser possível captar tudo que foi dito na entrevista, ele “traz tons, entonações, vocábulos, sotaque, inflexões voluntárias e involuntárias” (BESPALHOK E RESENDE, 2009, p. 7). Informações que mantêm a veracidade da narração e permitem uma maior aproximação com o ouvinte.

O diálogo presente nos perfis garante a linguagem coloquial do rádio e torna a informação “mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam diretamente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e maior expressividade” (LAGE, apud MEDINA, 2008, p. 86). A inserção dos diálogos completos nos perfis é um recurso necessário para dar voz aos personagens e compreender a realidade que os cerca. Não há ninguém melhor que o próprio perfilado para contar a sua história.

O recurso do ponto de vista da terceira pessoa foi um dos recursos mais usados no produto. De acordo com Tom Wolfe, “a técnica apresenta cada cena por intermédio dos olhos de um personagem particular.” (2005, p. 54). Em um dos perfis, a troca de foco narrativo acontece em grande parte entre o narrador onisciente, que não interfere na história, a perfilada e a dramatização feita por estudantes. No Brasil, esse tipo de narrativa começou a aparecer por volta dos anos 30 com as radionovelas. Atualmente, há poucas produções desse tipo no rádio. Elas ganham mais espaço em programas especiais, no estilo do projeto experimental. Os diferentes pontos de vista também podem ser percebidos no rádio através da inserção das sonoras, chamadas de entrevistas.

Por fim, a descrição, também chamada de status de vida da pessoa, é outro recurso bastante utilizado nos perfis. No rádio, esse recurso funciona muito bem com os efeitos especiais e a trilha musical. A partir do registro do comportamento e das situações que rodeiam o personagem, é possível estimular o ouvinte a imaginar o perfilado.

Apesar da estrutura gramatical utilizada no rádio (PRADO, 1989), ao buscar a clareza e simplicidade do texto com o mínimo de adjetivos, foi possível aplicar a descrição em alguns momentos do produto. De acordo com o autor, no rádio o texto jornalístico deve ser escrito para ser ouvido e não lido. Através de frases breves e

simples, a informação é compreendida mais facilmente pelo ouvinte. Nesse sentido, a descrição tem certo limite no rádio, diferentemente do impresso, onde o perfil radiofônico precisa ser mais pontual e direto.

A partir disso, as trilhas musicais e os efeitos especiais, intercalados entre a narração, podem ajudar a construir uma paisagem sonora na mente do ouvinte que não cause desinteresse e cansaço. A fim de causar mais veracidade à narrativa, captou-se com o gravador alguns efeitos, tais como: o som de passos e o barulho do ônibus. A partir dessas inserções, é possível estimular a imaginação do ouvinte e trazer mais credibilidade para a história que está sendo narrada. Em outros trechos do perfil, são utilizados mais efeitos produzidos pelo autor e sons encontrados em *softwares* gratuitos na internet.

Procurou-se captar todas as entrevistas com as perfiladas no ambiente de trabalho, a fim de assegurar o sentido de realidade da narrativa. Segundo Prado, (1989) o áudio ambiente produz no ouvinte um sentido de participação dos fatos e estabelece uma relação de proximidade com o público, uma das principais características do rádio.

Os roteiros foram baseados na estrutura do documentário radiofônico, apresentado por Ferraretto (2001). Este tipo de script permite a inserção de vários recursos, incluindo a dramatização. Já a etapa da edição dos produtos exigiu um nível de atenção e percepção subjetiva, que deve ser inerente a postura do jornalista literário. Os efeitos especiais foram empregados apenas em algumas situações para não comprometer a credibilidade do perfil.

4 CONCLUSÃO

Com este trabalho, percebeu-se que os recursos da literatura de ficção postulados por Tom Wolfe, humanizam os perfis e aplicados na linguagem radiofônica, produzem mais sentidos aos ouvintes. A música, o ruído, o silêncio e os efeitos especiais complementam a palavra falada e estimulam a imaginação. Esse é um dos diferenciais do rádio: na falta do texto e dos recursos visuais, segundo Meditsch (2002), o veículo conduz o ouvinte de um diálogo para o pensamento de um personagem, de uma situação para uma ideia abstrata e nada parece absurdo, porque funciona do mesmo jeito que a nossa imaginação. Através da linguagem radiofônica, reforçada com os recursos de ficção, o rádio cria contornos no pensamento do ouvinte, e estimula a percepção a cerca da realidade retratada.

Com o projeto experimental, procurou-se explorar o estilo Jornalismo Literário no rádio e preencher uma lacuna nesse veículo tão significativo para a população. Embora as produções neste estilo apareçam mais em revistas, jornais, cadernos especiais, livros-reportagens e suplementos do meio impresso, o trabalho buscou apresentar uma proposta que possa ser incorporada na programação das emissoras de rádio.

Para isso, é preciso de um esforço por parte dos profissionais, visto que o desenvolvimento de um produto no estilo Jornalismo Literário demanda tempo e detalhes técnicos importantes. Constatou-se que veículo é um dos meios mais propícios para a prática desse estilo de jornalismo, que preza pelo relato humanizado. Antes de tudo, o Jornalismo Literário é uma postura, uma maneira de observar, escutar e sentir a realidade. É uma atitude que deve ser inerente ao

jornalista em qualquer veículo que ele trabalhe, seja no impresso, na TV, na internet ou no rádio.

5 REFERÊNCIAS

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan; RESENDE, Paula Teixeira. *Elogio à cegueira: Jornalismo Literário e suas influências na linguagem radiofônica*. 2009. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1075-1.pdf> Acesso em: setembro 2015.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LIMA, Pereira Edvaldo. *Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. *Meias-verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica*. 2002. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9ff119e0e12903f31cc03a608b695bdc.pdf> Acesso em: setembro, 2015.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. Editora Contexto. São Paulo, 2011.

PRADO, Emilio. *Estrutura da Informação Radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.

VILAS BOAS, Sergio. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo, SP: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.